

DA SILVA, E. 2024. Carta 6. Funcionalismo. Linguisticamente Falando.

Querida Professora Roberta Panza,

E aí, tudo bem? Como você sabe, meu nome é Edissa Dorita e eu tive a grande honra de ter sido sua aluna em 2020. Com muito prazer, escrevo esta carta para dividir alguns pensamentos acerca de conhecimentos adquiridos neste semestre da universidade. Imagino que você saiba que estou cursando o primeiro período de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Fui proposta a escrever para alguma figura da educação básica que me marcou profundamente para comentar sobre o Funcionalismo. Essa é a terceira das cartas que tive de enviar. Confesso que era a que eu estava mais ansiosa para redigir, pois é a corrente a qual eu mais me identifico, inicialmente. Por isso, ela é muito especial.

Panza, para fundamentar os meus estudos sobre o funcionalismo utilizei dois livros incríveis. O primeiro é a obra *Manual de Linguística* – que tem como dois de seus escritores Roza Palomanes e Victoria Wilson, este publicado em 2011 –, especificamente o capítulo *Funcionalismo* escrito por Angélica Furtado da Cunha. O segundo é o livro *Linguística Funcional: teoria e prática*, que tem por escritores nomes como Eduardo Kenedy, Maria Mauro Cezario e Angélica Furtado da Cunha, publicado em 2015.

O primeiro livro deveria ser considerado patrimônio intelectual das academias de ensino. Eu achei ele muito simples e didático na explicação do funcionalismo, indico muito a leitura dessa obra. A explicação clara dos conceitos me lembra as metáforas que abrangem o meu cotidiano que você usava em sala de aula. Já a segunda obra, indico, principalmente, se você quiser se aprofundar e detalhar nos conceitos funcionalistas. Ela faz valer a pena a leitura e o estudo linguístico.

Lembro bem de que suas aulas eram recheadas de recomendações de leituras fantásticas e de debates que visavam estimular a criticidade e a defesa de um ponto de vista por parte dos alunos. Recordo também que comecei a devorar contos do Rubem Fonseca porque ouvi sobre ele em seu podcast (aliás, eu sempre achei tão chique o fato de que tenho uma professora podcaster, o “Deus me Livro” aguçou muito a minha curiosidade, assim como suas aulas maravilhosas). Além disso, você sempre nos ensinava a entender o contexto das coisas, entender os fatores por trás de questões e divergências pessoais. Nem sempre esse entendimento vai trazer uma solução instantânea, porém, vai ajudar no que diz respeito à compreensão desses eventos. E é aí que entra a corrente funcionalista: ela é uma teoria de base que considera os fatores subjetivos e externos ao ser, tanto em livros indicados em sala de aula, quanto nos alunos. É a língua em uso. Lindo, não é?

A corrente funcionalista busca relacionar situações reais de uso. O funcionalismo se preocupa em “[...] estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.” (MARTELOTTA, 2011, p. 157). Traduzindo: o funcionalismo não exclui a língua formal, no entanto, compreende que existem diversos fatores que possuem ligação à ela.

É importante saber também que essa corrente defende uma interdependência entre os conceitos de semântica, pragmática e sintaxe, ou seja, é impossível que um exista sem o outro. Um exemplo prático disso é o fato de que não se pode fazer uma análise que obtenha êxito sobre uma sentença usando apenas um desses pilares, justamente porque eles se complementam e isso tem muito a ver com a questão do contexto envolvido, levando a intenção comunicativa em consideração sempre.

Bem, o funcionalismo configura-se como uma oposição tanto ao estruturalismo quanto ao gerativismo. Então, por exemplo, a linguagem não é vista como um sistema autônomo, mas sim como uma estrutura de dependências *externas*. Para a corrente gerativista, a linguagem é fruto de uma disposição biológica inata ao ser. Já para a funcionalista, a linguagem configura-se como um instrumento que possibilita a interação social, fazendo um link entre a linguagem em si e a sociedade.

Em outras palavras, “[...] o pensamento funcionalista concebe a linguagem como um instrumento de interação social [...]”. (MARTELOTTA, 2011 p. 157). Já o pensamento do gerativista explica a “[...] a aquisição de linguagem em termos de uma capacidade humana específica [...]”. (MARTELOTTA, 2011, p. 158).

A principal crítica que o funcionalismo faz ao gerativismo é sobre a percepção de linguagem, Panza. Os funcionalistas defendem que as crianças adquirem a linguagem já que são expostas a dados linguísticos, em um meio social.¹ Nesse sentido, “[...] a abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.” (MARTELOTTA, 2011, p. 157).

Particularmente, acho o funcionalismo sua cara! Essa corrente dá ênfase no social, é um estudo que leva em conta todas as questões que possivelmente influenciam a linguagem. Isso me lembra você porque você é ativista, ou seja, você entende que coisas se explicam pelo contexto social, pois você é compreensiva. Você vê além, busca respostas no que, às vezes, foge ao óbvio. Para o funcionalismo, o contexto do falante define o que ele

¹ Nota dos editores: Sobre o assunto ressaltamos que a autora tem em foco a concepção funcionalista acerca da língua em uso, que tem uma perspectiva distinta, mas não necessariamente antagônica à gerativista. Nesse caso, para o Gerativismo, a competência linguística é formada pela faculdade de linguagem – capacidade inata – em interação com os estímulos do meio social. Então, na verdade, sob uma ótica gerativista, a exposição à língua viva também é importante, pois a capacidade inata é despertada por esses estímulos externos, dessa forma, um indivíduo se torna especialista em sua língua e consegue produzir frases compreensíveis e gramaticais mesmo sem instrução formal.

pretende transmitir, por isso, precisa-se de análises semânticas e sintáticas aliadas à pragmática.

Eu acredito que a discussão proposta sobre a diferença entre os modos de linguagem entre classes sociais diferentes é a parte que mais vai te interessar nessa corrente. Digo isso porque é o que eu mais gostei de ler sobre. De acordo com Martelotta (2011), é com base em dados linguísticos a que são expostas em situação de interação com os membros da sua comunidade de fala que as crianças constroem a gramática. Por isso, não podemos falar de linguagem sem falar das desigualdades sociais e em como elas afetam os dialetos. Então, se pessoas vivem realidades tão diferentes e se a linguagem é a manifestação de interação social, como a linguagem desses grupos poderia ser igual? Por isso, a supervalorização de apenas uma dessas formas de linguagem é, mais uma vez, injusta. Essa valorização de uma em detrimento à outra causa abismos sociais gigantes. Eu acredito fortemente que os fatores socioeconômicos devem ser levados em consideração no que diz respeito à construção de um dialeto. Você concorda comigo?

Seguindo a discussão, outro ponto importante para os funcionalistas é a concepção de que a linguagem é *variável*. O que faz muito sentido se a gente parar para pensar que a chave do funcionalismo é a interação. Existem muitos contextos, múltiplas interações e, conseqüentemente, inúmeras formas de linguagem, por esse motivo, a compreensão das variações e da língua em uso é tão importante nesta corrente! Dessa maneira, “[...] A linguagem não é estática, varia por conta do uso, isto é, os usos da língua, ao longo do tempo, é o que dão forma ao sistema.” (CUNHA et. al, 2015, p. 21)

Essa antonímia estática *versus* variável me lembra muito das discussões de filosofia que você usava nas aulas de redação. Eu amava como você conseguia ser interdisciplinar e didática. Inicialmente, estudava exclusivamente para ter um repertório produtivo no dia do ENEM, porém, você me fez pegar gosto pela filosofia, lembrei dos questionamentos sobre o *ser* de Heráclito e Parmênides no contexto pré-socrático. Parmênides acreditava em um ser único e imutável, diferentemente de Heráclito, que defendia a ideia de um mundo e de um ser contínuo, em constante movimento. Acredito que, com certeza, Heráclito seria adepto do funcionalismo por dois fatores: o

[...] funcionalismo linguístico contemporâneo difere-se das Abordagens Formalistas primeiro por conceber a linguagem como um instrumento interativo e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. (CUNHA et. al, 2015, p. 21).

Para os funcionalistas, esses “sistemas” são elementos agrupados em um todo. A linguagem baseia-se em fatores comunicativos, em que a estrutura sistemática está sempre mudando. Por isso que a linguagem é variável. Lembro de um dos debates que tivemos durante o período das aulas on-line, em que foi perguntado aos alunos, como eu, sobre a importância de ensinar sobre variação linguística na escola. Infelizmente, nesse debate eu ouvi de colegas que esse ensino não era relevante porque, para a escrita da redação do ENEM e outros vestibulares, eles só precisavam saber da gramática normativa. Realmente, para uma prova a gente não usaria conhecimentos sobre variação, mas como você sempre dizia em suas aulas, religiosamente: “Existe vida fora do ENEM, galera”. E é verdade. E a variação da língua pode nos ajudar muito a entender alguns aspectos dessa vida fora do contexto de vestibular. Obrigada por essa lição, Panza.

Quero te apresentar mais dois conceitos: *informatividade* e *iconicidade*. Para isso, voltarei à leitura número um: *Manual de Linguística*, capítulo *Funcionalismo*. “[...] de modo geral, a aplicação desse princípio- informatividade- se tem voltado para o exame do *status* informacional dos referentes nominais. [...]” (MARTELOTTA, 2011, p. 166). Tentando explicar de forma que faça sentido, a *informatividade* é uma característica textual que é representada pela qualidade das informações contidas em um texto. O *status* é o objeto da *informatividade*, ele é o que traz a noção da informação que um elemento transmite. Agora falando sobre *iconicidade*:

O princípio da iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo). (MARTELOTTA, 2011, p. 167)

Os funcionalistas defendiam a ideia da língua sendo refletida pela experiência. Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição é de que a Linguística revela o funcionamento da mente humana. Você não acha isso fantástico? Eu acredito que sim, por isso te recomendo a leitura aprofundada dessa obra, acho que ela explica de forma muito clara, o que nos ajuda a formar criticidade em relação aos assuntos tratados.

Por fim, despeço-me, professora Panza. Quero dizer que foi muito prazeroso escrever essa carta porque fiquei imaginando a sua reação lendo sobre tudo o que eu tentei dizer. Espero que eu não tenha sido enfadonha e que tenha conseguido demonstrar carinho ao mesmo tempo que demonstrei conhecimento. Volto a dizer que você foi uma professora excepcional. Você me marcou muito, não só academicamente. Já disse tantas vezes, mas vou dizer mais uma: o plano é ser uma professora fantástica, assim como você foi para mim. Obrigada por tudo!

Com carinho,

Edissa Dorita Queiroz Boechat da Silva
João Pessoa, 22 de novembro de 2021.

Referências:

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. IN: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica et. al. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. 1a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.